



# Doutorando perde a visão mas retoma sua pesquisa com a ajuda de cão-guia

Quem percorre as ruas próximas ao Ciclo Básico ou frequenta o Restaurante Universitário, em geral às quintas-feiras, já deve ter deparado com o cão-guia Champ em pleno “horário de trabalho” – é impossível deixar de notar o labrador preto, por sua beleza e docilidade. Seu trabalho é conduzir o dono Márcio Vallim, doutorando do Instituto de Química, em segurança pelo campus. “Não me toque, não me alimente, não me distraia”, é o lema. Mas é difícil não chamar atenção, pois Vallim é o primeiro a utilizar um cão-guia na Unicamp e também em sua cidade, Mogi-Guaçu.

**Champ, belo labrador preto, chama atenção guiando o dono pelo campus**

O doutorando, que já não enxergava com o olho direito devido a acidente com bola, perdeu a total-

mente a visão em 2000, durante um tratamento de catarata, ao ter deslocada a retina esquerda. Na época, Vallim já trabalhava no projeto de doutorado no Instituto de Química. Prata da casa, ele fez graduação e mestrado na área e passou um período na indústria. Como sua vida foi completamente mudada com a perda da visão, precisou de um período longe do campus para readaptação, contando com apoio do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Professor Gabriel Porto (Cepre) da Unicamp. Retornou à Universidade no início de 2002 e espera concluir a pesquisa este ano, tornando-se um dos poucos deficientes visuais a alcançar o doutorado no país.

Márcio Vallim concentra-se em aprofundar a bibliografia sobre o processo da mistura de uma categoria de plástico, o polietileno reciclado com o nylon. No mestrado, feito entre 1992 e 1995, o pesquisador abordou as propriedades da borracha enquanto condutora de eletricidade. Para o doutorado, orientado pelo professor Marco-Aurélio Di Paoli, pretende adequar os estudos existentes sobre o referido material à realidade brasileira. Segundo ele, nos Estados Unidos, as blendas desses dois tipos de polímeros são utilizadas na fabricação de tanques de combustível de automóveis, mas no Brasil os estudos com essa mistura dão apenas os primeiros passos. “Não pretendo



O doutorando Márcio Vallim com seu cão-guia Champ, no restaurante do campus e sala pesquisando

desenvolver algo para a aplicação. Meu trabalho limitou-se a estudar as possibilidades de fazer a mistura e suas propriedades”, explica.

No momento, o pesquisador está redigindo o texto que será submetido à banca examinadora e as dificuldades são grandes. O acesso rápido à informação, por exemplo, tem se constituído em uma barreira. “Não existem artigos científicos da área em braille e, se a bibliografia não está em formato eletrônico, o acesso fica inviável. Além disso, se pessoas cegas de nascença já possuem destreza na leitura em braille, o mesmo não ocorre com aqueles que perderam a visão no decorrer da vida, como no meu caso”, lamenta.

A leitura e gravação estão entre as alternativas. No formato eletrônico isso é feito por meio de softwares de leitura de tela, suporte que Vallim tem encontrado no Laboratório de Acessibilidade da Biblioteca Central. “A estrutura existente no laboratório estimula o desenvolvimento da pesquisa e pode ser adaptada conforme o de trabalho, isso é importante”, diz.

**Confiança** – Mas voltando a Champ, o cão-guia, Márcio Vallim sente uma confiança maior do que a proporcionada pela bengala ao caminhar por ruas acidentadas ou com obstáculos. “O cão desvia com antecedência das barreiras, além de haver a relação sentimental. A gente se apega”, diz. Funcionário do Fórum Municipal de Mogi-Guaçu, ele também ganhou acesso fácil a muitos lugares, apesar de já ter enfrentado preconceitos por causa do guia, que ele atribui à falta de divulgação e ignorância das pessoas em relação às necessidades especiais. Apesar de tudo, Vallim é otimista quanto ao engajamento da sociedade na batalha dos deficientes, oferecendo mais oportunidades para que desenvolvam seu potencial. Na Unicamp, ele tem abertas as portas em bibliotecas, restaurantes, agências bancárias e no ônibus circular.

Ainda são raras as experiências com cães-guia para cegos no Brasil. Vallim lembra que esse serviço teve ampla divulgação em uma de novela levada ao ar no ano passado, quando uma personagem procurou um cão em uma instituição de projetos sociais de Bra-



Foto: Antoninho Perri

sília, o Integra – Instituto de Integração Social e de Promoção da Cidadania. Ele mesmo alimentou o sonho de ter seu companheiro por quase cinco anos, uma vez que o processo é demorado. Só no início de 2006 conseguiu a oportunidade.

**Procedimentos** – O cão é cedido pela instituição depois de uma dezena de procedimentos convencionais. Quando os animais nascem, uma estrutura para o adestramento já os aguarda. Aos dois meses de idade são encaminhados para famílias hospedeiras, onde permanecem até completar um ano. Passam por provas de resistência física e só então começa o treinamento propriamente dito. Em todas as etapas, há reprovas. Por isso, a dificuldade em conseguir um cão-guia. Há alguns anos, as barreiras eram ainda maiores, pois a cessão de cães ocorria apenas em instituições no exterior. “Era problemático, uma vez que a realidade arquitetônica em outros países é bem diferente. Quando chegava ao Brasil, o cão precisava de outro tempo de treinamento”, explica Márcio Vallim, que é casado e tem três filhas que já transformaram Champ no xodó da casa.

## Fisioterapeuta defende instalação de desfibrilador em estabelecimentos

O desfibrilador, aparelho que emite choques elétricos em caso de parada cardíaca, pode ser a diferença entre a vida e a morte. Se o equipamento for usado para a ressuscitação diopulmonar nos primeiros 4 minutos de uma parada respiratória, as chances de sobrevivência são de 40%; sem nenhum atendimento inicial e chegando em 10 minutos ao hospital para o suporte avançado, as chances do paciente serão de zero a 2%. Nesse sentido, o fisioterapeuta Carlos Ovalle defende a instalação do aparelho em locais com intensa circulação de pessoas, informando sobre a existência de desfibriladores automáticos que podem ser operados por leigos e, em casos de urgência, salvar muitas vidas.

A morte em 2004 do jogador Serginho, do São Caetano, trouxe à tona a necessidade de acesso rápido aos cuidados iniciais no caso de parada cardíaca, destacando a importância do aparelho. Carlos Ovalle afirma que o treinamento de leigos deveria ser oferecido por hospitais, citando o exemplo do HC de São Paulo, onde inclusive os ascensoristas estão preparados para usar o desfibrilador.

“A importância do treinamento prévio no uso do desfibrilador externo automático por fisiotera-



O fisioterapeuta Carlos Ovalle: Londrina e Araras já regulamentaram instalação do desfibrilador

peutas e enfermeiros” é o título da dissertação de mestrado que Ovalle apresentou na Faculdade de Ciências Médicas, sob orientação do professor Sebastião Araújo. Ele argumenta que o atendimento avançado realizado no paciente internado, feito pela equipe médica, é fundamental, mas que algumas categorias profissionais poderiam treinar para uso do aparelho. Em tempo entre a ocorrência e o socorro poderia ser menor, caso todos estivessem devidamente preparados para utilização do modelo externo e automático. “A primeira pessoa que percebesse o incidente já recorrerá ao aparelho, até a chegada da equipe especializada”, sugere.

Por outro lado, esclarece o fisioterapeuta, o socorro prévio que acontece fora do hospital – e que constitui a maioria das ocorrências – poderia ser feito por qualquer pessoa. Nesses casos, seriam utilizados os equipamentos automáticos de fácil manuseio. Por isso, Ovalle insiste na importância do equipamento em locais públicos para reduzir o tempo de atendimento, iniciativa já tomada em algumas cidades. Em Londrina, uma regulamentação, obriga a instalação do desfibrilador em estabelecimentos comerciais e bancos, por exemplo. No Estado de São Paulo, a cidade de Araras é a pioneira em também estabelecer legislação a respeito. “São iniciativas pontuais que poderiam ser estendidas para

todo o país, caso fosse votado o projeto de lei sobre o assunto que tramita no Congresso há três anos”.

**Pesquisa** – O estudo realizado por Carlos Ovalle, além de sustentar a importância de discutir o tema nos hospitais brasileiros, traz outras conclusões sobre a facilidade de uso do desfibrilador. Ele comparou dois grupos distintos dentro de um hospital universitário, somando um total de 40 voluntários. Um deles com e o outro já havia sido treinado. Obviamente, os indivíduos treinados precisaram de menos tempo para acionar o aparelho, mas o detalhe é que o desempenho dos não treinados superou as expectativas. Com notas de zero a 17, a maior do grupo treinado foi 14, maior do grupo; entre os não treinados, a maior nota foi 13. Na média, os treinados tiveram nota 12 e os não treinados ficaram com nota 6. Com relação ao tempo, principal item a ser considerado, a média entre os treinados de 2,2 minutos, e do grupo de 2,49, sendo que maior tempo para o socorro não ultrapassou o considerado ideal de 4 quatro minutos, ficando em 3,58. Segundo Carlos Ovalle, os dados comprovam a facilidade no manuseio do equipamento, que possui comando de voz e funções programadas. Os passos são indicados no próprio desfibrilador, mas ainda assim o fisioterapeuta sugere um treinamento de no mínimo quatro horas.